

## GONÇALVES DIAS EM DOIS TEMPOS

Júlio Cezar Bastoni da SILVA \*

MARQUES, W. J. **O poeta do lá**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

Depois de *Gonçalves Dias: o poeta na contramão*, no qual analisa uma faceta praticamente inexplorada do poeta romântico brasileiro, a obra inacabada *Meditação*, Wilton José Marques, professor de Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal de São Carlos, retorna ao mesmo autor em *O poeta do lá*, desvendando novas facetas na obra de um dos mais importantes de nossos escritores. De fato, mesmo que entre a obra de Gonçalves Dias e o nosso tempo medeie mais de um século e meio, além de uma robusta fortuna crítica, é possível dizer, a partir de *O poeta do lá*, que sua obra permanece aberta a novas explorações, desmentindo uma superficial aparência de esgotamento do tema.

O livro colige artigos anteriormente publicados, dispersos em revistas acadêmicas, e um capítulo de livro coletivo. *O poeta do lá*, desse modo, é dividido em dois momentos, conferindo uma espécie de percurso na obra e na tradição gonçalvina guiado pelos textos. A primeira parte, “A metáfora, o índio e a teoria romântica”, explora a dimensão mais conhecida da obra de Gonçalves Dias, suas “Poesias Americanas”, notadamente as que abrem o livro *Primeiros cantos*. Além disso, faz uma revisão da teoria romântica de Victor Hugo presente no “Prefácio a *Cromwell*”, tal qual ecoa no poema “O vate”, também dos *Primeiros cantos*. Na segunda parte, “Alguns diálogos”, Marques analisa aspectos da obra de Gonçalves Dias em face a de outros escritores, seja na relação que mantém em seu tempo com a teoria da história de Alexandre Herculano, seja na sua presença na poesia de *Americanas*, de Machado de Assis, ou ainda como importante ponto de referência na tradição poética brasileira, tal qual ressoa na obra de Carlos Drummond de Andrade. Temos, portanto, um Gonçalves Dias explorado em dois tempos, como artífice de sua época, na qual romantismo e construção da nacionalidade estavam na ordem do dia, e como figura incontornável da tradição literária brasileira, já recuperada ainda nos oitocentos por Machado de Assis, e presente ainda na poesia de meados do século XX, em Drummond.

---

\* UFSCar – Universidade Federal de São Carlos. Departamento de Letras. São Carlos – SP – Brasil. 13565-905 – juliobastoni@yahoo.com.br

O ensaio que abre o livro, “O poema e a metáfora” é uma releitura do poema mais conhecido de Gonçalves Dias, “A canção do exílio”, pórtico dos *Primeiros cantos*. Lida e relida não apenas pela crítica, mas também objeto de múltiplas versões por outros poetas, desde Casimiro de Abreu até Cacaso, a “Canção do exílio” é retomada por Marques em uma leitura que alia a construção formal do poema à metáfora nacional do “paraíso edênico”, tal como exigia a época a formação de símbolos para a nova nação. Entre o **lá** e o **cá**, a terra natal e a do desterro, base das comparações do poema gonçalvino, medeiam o que Marques (2014, p. 20) chama de “campo de atributos exclusivos” e o “campo de atributos comuns”; isto é, o eu-lírico compara o espaço do exílio à terra natal, que oscila entre o espaço físico e o simbólico, tal qual a figura do Sabiá, entre índice do “paraíso terreal” (MARQUES, 2014, p. 21) e figura típica do espaço brasileiro. No poema, aspectos como as alterações rítmicas e o paralelismo fônico são interpretados em conjunção à mensagem nacionalista do poema, forjando a edenização do espaço natal do poeta exilado, ainda que o poeta, como nota Marques (2014, p. 19), não utilize qualquer adjetivo no poema.

Os ensaios que seguem, “O índio e a liberdade” e “O índio e o destino atroz” versam, respectivamente, sobre os poemas “O canto do guerreiro” e o “Canto do piaga”, dois dos poemas de temática indianista de Gonçalves Dias presentes em seu primeiro livro. Marques nota, no primeiro ensaio, a dúplice figura do indígena gonçalvino, entre o dado concreto, etnográfico – cujo interesse pode-se constatar nas pesquisas do autor sobre a língua e os costumes indígenas –, e o idealizado, figura alçada à representação da independência brasileira frente ao colonizador luso. A própria influência manifestada por Gonçalves Dias em relação ao “bom selvagem” de Rousseau, à pureza do selvagem de Chateaubriand, bem como ao índio tal qual visto por Montaigne, revelam essa tentativa de, mesmo que filiado a representações já consolidadas, buscar ao mesmo tempo uma raiz nobre e independente, relativizando, ainda, tal qual o autor dos *Ensaio*s, os costumes dos indígenas, negando sua representação na forma de barbárie – como o veria o colonizador (MARQUES, 2014, p. 33-35). Em “O índio e o destino atroz”, tal característica toma tons ainda mais claros, pois, como nota Marques (2014, p. 47), a voz do poema é a voz do piaga, que avalia os brancos por meio de sua própria perspectiva: “[...] uma espécie de *Carta de Pero Vaz de Caminha* às avessas”. A tragicidade do poema, que entrevê o massacre dos povos autóctones, guarda a mesma característica nacionalista de “O canto do guerreiro”, conferindo à emulação da voz indígena a demanda de autonomia política e cultural a cujo projeto o poeta se inscreve.

O ensaio que fecha a primeira parte do livro, “O poema e o prefácio”, mostra a homologia existente entre a teoria romântica de Victor Hugo presente no “Prefácio a *Cromwell*” e o poema “O vate”, de Gonçalves Dias. O poema perfaz o mesmo trajeto do ensaio de Hugo, uma mirada romântica sobre a história da poesia, dos

tempos primitivos aos tempos modernos, o que revela a dupla face do projeto poético gonçalvino, “[...] construído não somente pelo mergulho nos problemas e angústias [...] da expressão literária brasileira, que se queria nacional, [...] mas também pelo mergulho no estudo dos problemas e angústias da expressão literária europeia.” (MARQUES, 2014, p. 73). Gonçalves Dias, nesse sentido, visava não apenas, pela via linguística e simbólica, construir imagens nacionais, mas, segundo sugere Marques (2014, p. 68), filia a literatura brasileira ao romantismo como expressão própria de seu tempo, o que também leva água ao moinho da construção nacional – uma poética, portanto, local e “universalizante” a um só tempo.

A segunda parte do livro abre-se com o diálogo estabelecido por Gonçalves Dias com a teoria da história tal qual pensada pelo escritor português Alexandre Herculano. Marques (2014, p. 79-80) lembra, num primeiro momento, a admiração de Herculano pelo então jovem poeta brasileiro, vazada em artigo que, posteriormente, seria estampado por Gonçalves Dias como prefácio aos *Primeiros cantos*. O diálogo mais explícito entre a produção dos dois escritores ocorre entre a obra gonçalvina *Meditação* e a leitura da decadência portuguesa realizada por Herculano em sua *História de Portugal*: Herculano entende a história portuguesa por meio de ciclos, cujo estado, após as navegações, abriria um período de decadência do país, como fruto da mudança da índole portuguesa, de “guerreira em mercadora, de municipal em cortesã” (HERCULANO apud MARQUES, 2014, p. 95). Em *Meditação*, a decadência portuguesa aparece, na voz dos personagens da obra, como condenação divina à colonização, que teria introduzido no Brasil o “cancro da escravidão” – alvo claro do combativo poema de Gonçalves Dias (MARQUES, 2014, p. 93-94). Trata-se, em suma, de uma leitura já semeada em *Gonçalves Dias: o poeta na contramão*<sup>1</sup>, aqui condensada na forma de um breve ensaio.

Os últimos dois ensaios do livro tratam da presença e do legado de Gonçalves Dias na literatura brasileira. Em *Americanas*, Machado de Assis aparenta um recuo frente ao seu famoso ensaio “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, no qual nega a limitação da literatura brasileira aos temas locais consolidados na produção romântica – com ênfase no tema indianista. As *Americanas*, em aparente paradoxo, retoma justamente este tema, ainda presente; basta lembrarmos que o livro de Machado é publicado no ano seguinte a *Ubirajara*, de José de Alencar, que veio à luz em 1874. Marques discute, nesse sentido, *Americanas* como uma possível cessão à expectativa do público, enquanto um aprendizado técnico da linguagem poética, hipótese levantada por Mário de Andrade em relação à poesia machadiana (MARQUES, 2014, p. 106-107 e p. 113). *Americanas*, além da temática, ainda seria tributária da poesia de Gonçalves Dias na medida em que apresenta, entre seus poemas, a elegia “A Gonçalves Dias”, na qual não apenas homenageia o poeta maranhense, como também emula a

<sup>1</sup> Ver, nesta obra, em especial os capítulos 3 e 4 (MARQUES, 2010, p. 107-253).

composição de sua voz poética, no caso, a cessão da voz poética à personagem indígena (MARQUES, 2014, p. 115).

O último ensaio trata do incontornável legado gonçalvino, que alcança a poesia moderna. Nesse texto, Marques explicita a relação tensa entre o poeta Carlos Drummond de Andrade e o espaço nacional, em tempos nos quais a pesquisa da nacionalidade pelo modernismo ainda estava em voga. Marques (2014, p. 118-124), assim, inicia sua reflexão a partir da troca de cartas com Mário de Andrade, na qual Drummond revela suas angústias frente a necessidade de “abrasileirar” sua poesia. O título primitivo do livro primitivo de Drummond, por exemplo, se chamaria *Minha terra tem palmeiras*, posteriormente abandonado, muito em virtude dos embates literários e políticos entre os grupos modernistas em torno da representação nacional (MARQUES, 2014, p. 120-124). Ainda, Marques (2014, p. 126) aborda uma crônica assinada por Drummond publicada em 1923, na qual dá conta da poesia de Gonçalves Dias tentando desvinculá-lo de um nacionalismo estreito, para além de seu superficial rótulo “patriamada”. A partir daí, nota-se que Drummond, como é de seu feitio, retira a ênfase nacionalista da poesia gonçalvina, fato que se apresenta mesmo em sua poesia: em “Europa, França e Bahia”, publicada em *Alguma poesia*, como em “Nova canção do exílio”, de *A rosa do povo*, Drummond retoma os versos da “Canção do Exílio”, destituindo-a de sua ênfase na exaltação da pátria. Se, no primeiro, o eu-lírico ironicamente “esquece” os versos do poema gonçalvino, ao tentar voltar seus olhos à sua terra, no segundo o paraíso terreal presente na canção romântica torna-se aspiração distante, utópica, baseada na recusa da crise presente (MARQUES, 2014, p. 128-137). O ensaio, portanto, reflete sobre as possibilidades de revisitação da tradição incontornável representada na poesia de Gonçalves Dias, bem como uma revelação da própria concepção poética de Drummond e seu embate onipresente entre o eu e o mundo, no qual uma das faces é, justamente, sua difícil relação com o Brasil e seu tempo.

*O poeta do lá*, desse modo, apresenta uma estrutura que poderia ser chamada de circular, começando com a leitura da “Canção do Exílio” e fechando com sua presença obsedante na literatura brasileira. Explica, assim, em sentido amplo, os **tempos** da literatura de Gonçalves Dias, isto é, sua localização programática enquanto contributo à constituição de uma literatura nacional, a forja de uma nova linguagem e de símbolos que a nomeiem, mas também sua presença ubíqua nas letras brasileiras enquanto importante marco poético, de tradição permanente, na qual as constantes retomadas de seu poema mais famoso constituem uma de suas facetas. Nesse sentido, apesar de se constituir de ensaios originalmente dispersos, *O poeta do lá* constitui uma unidade que ajuda a retomar e repensar a contribuição gonçalvina, provando que a literatura oitocentista ainda se encontra aberta a novas abordagens, interpretações e aproximações.

## REFERÊNCIAS

MARQUES, W. J. **Gonçalves Dias**: o poeta na contramão: literatura e escravidão no romantismo brasileiro. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

